O Mundo em Português Nº8
Maio 2000

Para que Servem as Sanções

George Joffé

Há 10 anos que o Iraque sofre os efeitos das sanções económicas impostas na sequência da Guerra do Golfo. A população vive mal e cada vez pior. Mas o embargo é furado por todos os lados, a "solidariedade árabe" faz-se sentir, e o regime de Saddam mantém-se firme.

Após quase dez anos de sanções, os efeitos são sem dúvida visíveis em Bagdad. Poucos carros têm menos de dez anos e a maioria ostenta sérios sinais de velhice. Embora as lojas pareçam bem abastecidas, há poucos compradores porque os preços estão bastante acima das possibilidades das pessoas. Os cortes de energia ocorrem a um ritmo pré-estabelecido e aqueles que podem compraram pequenos geradores para ultrapassarem os períodos de escuridão.

O lixo e os resíduos tóxicos são ainda um enorme problema, responsável pelo facto da mortalidade infantil ter triplicado nos últimos dez anos; todos os dias mais de 300 toneladas de resíduos não tratados são lançadas nos rios iraquianos devido ao estado dos esgotos, e a comissão de sanções das Nações Unidas continua a proibir a entrada no país de cloro para o tratamento das águas, alegando que se trata de um substância de "dupla utilização" que pode ser desviada para os programas de armas químicas iraquianos.
O único produto que ainda é barato é a gasolina, pelo que manter um carro transformou-se numa prioridade, principalmente porque a frota de autocarros está a definhar devido à falta de pneus sobressalentes — os autocarros, decretou a comissão de sanções da ONU (por insistência britânica e americana) são instrumentos de "dupla utilização" porque podem ser usados para fins militares.

Assim, tudo é reparado e reciclado vezes sem fim e aqueles que fornecem este tipo de serviço nas centenas de pequenas oficinas espalhadas pela cidade viram a sua situação económica melhorar substancialmente apesar do empobrecimento generalizado da sociedade iraquiana, sobretudo da classe média.

O problema das sanções domina todos os aspectos da vida quotidiana, embora a sociedade iraquiana pareça ter-se conformado, como se toda a esperança de as ver acabar em breve tivesse desaparecido. O resultado disto é que o Estado e a sociedade aceleraram para um futuro de auto-confiança, com iniciativas organizadas destinadas a romper o muro das sanções quando for necessário. O petróleo, por exemplo, sai ilegalmente do país para a Turquia e o Irão.

A nova classe de contrabandistas em Bagdad (os tujjar al-harb), tacitamente tolerada pelo regime e confortavelmente escondida com os seus Mercedes último modelo em subúrbios como al-Mansour, assegura que os produtos essenciais — medicamentos, peças sobressalentes, materiais para a indústria — entrem no país através da Turquia, Síria e Irão, mesmo pagando impostos sobre estas importações enquanto o Estado tenta adaptar-se às novas condições de comércio. Os representantes das Nações Unidas no

Iraque calculam que apenas um por cento dos produtos que entram no país vindos da Turquia, que é a principal rota de contrabando, são autorizados pelo comité de sanções. Alguns contrabandistas dedicam-se mesmo a exportar alimentos e bens de consumo, sobretudo para a Arábia Saudita e para os Estados do Golfo, apenas porque os preços fora do Iraque são mais altos, mesmo sabendo que se forem apanhados sujeitam-se a castigos bastante duros.

Esta determinação em sobreviver reflecte-se também na vida política. O regime é raramente criticado pelo desastre que o Iraque enfrenta há dez anos, mesmo pela oposição interna. Esta relutância não se explica apenas pelo medo da sempre persuasiva "mukhabarat". Na verdade, ela é vista cada vez mais como uma defesa contra o caos que inevitavelmente acontecerá se os Estados Unidos forem bem-sucedidos.

Como aconteceu noutros países, o sistema de sanções teve o efeito perverso de reforçar politicamente o regime, apesar da sua natureza repressiva. Segundo um importante político iraquiano, o Governo do Iraque nunca foi e nunca será liberal — e a mão do Governo e do partido Ba'ath continua a sentir-se por todo o país.

As recentes eleições para a Assembleia Nacional — os candidatos tinham que ser ou do partido Ba'ath ou independentes aprovados pelas autoridades — mostraram o controlo firme que continua a existir: o filho do Presidente Saddam Hussein, Uday, foi eleito pelo quinto distrito de Bagdad com mais de 90 por cento dos votos.

E o poder do clã de Tikriti em torno do Presidente, juntamente com as tribos sunitas (os Dulaym e os Jbur), que continuam a ser o terreno de recrutamento para o Exército, permanece forte. Mesmo as lutas internas do regime (há notícias constantes de tentativas de golpe contra o Presidente) não saem desse círculo e são sistematicamente mal-sucedidas — graças, sem dúvida, aos serviços de segurança chefiados pelo outro filho de Saddam, Qusay.

Apesar de tudo o Governo resiste, e à medida que as sanções vão pressionando a já muito abalada economia, vão sendo descobertas novas formas de o sustentar. Apesar do nível extremamente baixo dos salários — os salários profissionais variam entre 5 000 e 25 000 dinares mensais, enquanto uma família média precisa entre 175 000 e 200 000 dinares por mês para sobreviver — o Governo tornou-se ainda mais dependente dos impostos.

No passado os lucros do petróleo permitiam que os impostos não fossem muito elevados; agora isso mudou, com impostos sobre os serviços e as importações — sejam elas legais ou não. Ao nível informal, isto é acompanhado por uma pequena corrupção generalizada, sobretudo nos desgastados serviços de saúde e na administração.

Recentemente, Uday bin Saddam Hussein al-Tikriti publicou a sua tese de doutoramento na qual argumenta que no futuro os Estados Unidos vão precisar do Iraque como baluarte contra a hegemonia iraniana no Golfo. É uma tese popular dentro do regime e mesmo entre os diplomatas. A recente meia-desculpa da secretária de Estado norte-americana, Madeleine Albright, pela política passada dos EUA em relação ao Irão foi por isso muito mal recebida em Bagdad, e o diário "Babel", o jornal mais influente do país, condenou o seu discurso e recordou a Albright quem é que manteve reféns diplomatas americanos em Teerão em 1979.

Esta visão fundamental da política regional iraquiana continua a ser vista como a solução para os actuais problemas do Iraque, a partir do momento em que Washington compreenda onde estão os seus verdadeiros interesses. Até lá, o Iraque vai continuar a resistir a futuras ameaças à sua soberania. A resolução 1284, que separa efectivamente a produção petrolífera do regime de sanções vai enfrentar resistências porque é vista em Bagdad como uma armadilha britânica para permitir o regresso de uma renovada UNSCOM, o que é considerado como o primeiro passo para desestabilizar o regime a partir de dentro.

Há também o sentimento de que as sanções não poderão sobreviver muito mais tempo, mesmo que sejam substituídas por um regime diferente destinado a impedir do acesso iraquiano a abastecimentos militares. Todos os países europeus à excepção da Grã-Bretanha têm agora um complemento diplomático na sua secção de interesses na capital iraquiana, e alguns diplomatas queixam-se abertamente da obstrução britânica a uma política comum europeia que pudesse contrapor-se à intransigência americana.
O contrabando através de todas as fronteiras à excepção da do Kuwait tornou-se banal e o controlo oficial aos veículos que atravessam estas fronteiras parece ser mínimo. O Iraque apareceu na última reunião da Liga Árabe, em Beirute, sem objecções formais dos Estados do Golfo, e a maior parte dos países árabes segue discretamente políticas destinadas a aliviar o peso das sanções.

As relações com o Irão são formais e correctas, apesar dos problemas que subsistem relativamente aos prisioneiros da guerra Irão-Iraque e às actividades dos Moujaddidin-e Khalq, que periodicamente resultam em ataques de morteiro ou carros armadilhados a explodir em ambas as capitais. Até com a Turquia as relações melhoraram, apesar dos problemas da água do Eufrates serem uma fonte constante de preocupação e a utilização pelos britânicos e americanos das bases aéreas turcas um motivo para irritação.

Mas Bagdad, como muitas outras capitais, aguarda o resultado das eleições presidenciais americanas, na esperança de que o novo Presidente reveja uma política cuja utilidade foi há muito ultrapassada. Se isso não acontecer, então a esperança em Bagdad é que os países árabes comecem a ignorar publicamente as sanções. Apesar de muitas falsas esperanças do passado e da cobarde subjugação da política externa árabe aos pedidos americanos, desta vez é possível que isso aconteça.